



CAPITAL DE RISCO

# Revitalizar Sul já investiu €32 milhões

O fundo da Capital Criativo, uma das três empresas que ficaram a gerir o programa Revitalizar, entrou no capital de 12 projetos em Lisboa, Alentejo e Algarve. O objetivo é investir mais €10 milhões até novembro

Dos €60 milhões que a Capital Criativo tem para investir até novembro de 2015 em pequenas e médias empresas, a sociedade gestora de capital de risco já comprometeu cerca de €32 milhões em 12 projetos. A Capital Criativo é uma das três empresas que ficaram a gerir os fundos do programa Revitalizar, lançados no ano passado, em que o Estado disponibiliza €110 milhões do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) e que são avançados em igual montante por sete bancos (CGD, BPI, BES, BCP, Banif, Montepio Geral e Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo).

A Explorer Investments, de Rodrigo Guimarães, gere um fundo de €80 milhões para a zona Norte, a Oxy Capital, de Miguel Lucas, um de €80 milhões para a zona Centro, e a Capital Criativo, de Nuno Gaioso Ribeiro, outro de €60 milhões para a zona Sul (Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve). "O nosso objetivo é ajudar as empresas a capitalizarem-se, mas também a suprir algumas deficiências de organização, de gestão e de dificuldades de acesso a mercados", afirma Nuno Gaioso Ribeiro.

Até agora, o fundo da Capital Criativo já teve contacto com 237 oportunidades de investimento, das quais 70 foram

objeto de análise. "Foi apresentado um investimento total de €55,1 milhões, que corresponderia a 92% do capital total do fundo. Desses, foram aprovados 14 projetos, que correspondem a €40,1 milhões de compromisso de investimento (67% do capital total do fundo)", contabiliza Nuno Gaioso Ribeiro. Hoje, entre projetos em carteira e projetos em fase de fecho (ou seja, excluindo projetos aprovados, mas cuja

CITAÇÃO

**"Em Portugal há pouca liquidez para investir em capital de risco, atividade que não pode passar sem dois principais financiadores: sistema financeiro e Estado"**

**NUNO GAIOSO RIBEIRO**  
Sócio fundador da Capital Criativo

negociação fracassou), o fundo tem cerca de €32 milhões (53% do total) para investir em 12 projetos e empresas. "O objetivo é ter comprometido 70% a 75% do fundo até novembro deste ano, ou seja, faltam-nos cerca de €10 milhões para atingir o objetivo de 70%", avança o sócio fundador da Capital Criativo.

Para já, o fundo de expansão regional sul entrou no capital de empresas de hotelaria, industriais (sector energético), de eventos, de logística integrada, de turismo (animação, catering), do sector alimentar (retalho e produção alimentar), da produção gráfica, do audiovisual e dos vinhos.

Em Lisboa, por exemplo, onde está impedido o investimento em médias empresas (apenas em projetos em fase de constituição e de arranque), o fundo já investiu na Boost, empresa de animação turística que gere alguns dos GoCars e Segway que se veem hoje nas ruas da capital. No Alentejo, entrou no capital da Arquiled (em parceria com a EDP), empresa de projetos de iluminação LED que tem como mercados-alvo o residencial, de hotelaria, escritórios, museus e iluminação pública. E, no Algarve, investiu no Praia Verde Resort (Castro Marim), em parceria com outra capital de risco, a Explorer.

Além do fundo Revitalizar, cujo ciclo de investimento encerra em novembro de 2015, a Capital Criativo gere ainda um fundo com €20,5 milhões sob gestão. Lançado em 2011, este fundo tem 75% do seu capital comprometido, em sete projetos, entre os quais se encontram a events by tlc (eventos), a ISA (telemetria), a Cortex (inteligência de mercado), a USC (logística) e CardMobili (soluções mobile). Nuno Gaioso Ribeiro espera que o fundo feche o seu ciclo de investimento durante o mês de setembro, com um oitavo projeto.

Capitalização de empresas

Olhando para o futuro, o gestor acredita que o capital de risco vai ter um "papel chave para a superação do défice de capital das empresas", contando com o apoio do programa europeu Horizonte 2020, do Estado e da banca. Nuno Gaioso Ribeiro considera que também os fundos de reestruturação, "que utilizam e transformam créditos do sistema financeiro em instrumentos de capital", são fulcrais para resolver o excessivo endividamento das empresas, que diz ser o "maior problema do tecido empresarial português".

MARGARIDA FIÚZA  
mfiuza@impresa.pt



Nuno Gaioso Ribeiro lidera uma equipa de 12 pessoas na capital de risco que fundou há cinco anos FOTO ANA BAIÃO